



José, o colecionador¹

Caio César Budel²

Letícia Olher Ferrari³

Fabiana Alves⁴

Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná, Guarapuava, PR

Resumo

O trabalho *José, o colecionador* foi desenvolvido com o objetivo de mostrar parte da vida de alguém que, por necessidade ou opção, optara por conserva-se sozinho e sem luxo. O nome do trabalho, por mera associação, faz menção ao personagem escolhido para a produção do material – um homem que vive às margens da BR 277, próximo ao acesso principal de Irati, isolado, sem tecnologia e em uma cabana coberta por lona.

PALAVRAS-CHAVE: José; Fotografia; Solidão.

Introdução

Solidão: Estado do que se está só; lugar solitário = retiro; isolamento; lugar despovoado = ermo. São sob estas condições, definidas pelo dicionário Priberam, que José dos Reis vive.

Há 14 anos, este homem foi abandonado pela família. O motivo real, todos desconhecem. Afinal, por tristeza ou esquecimento, José prefere simplesmente não falar sobre o que aconteceu.

Mas, independentemente do motivo, a história dele chama a atenção por não se tratar de algo corriqueiro. Normalmente, quando conflitos ou separações familiares acontecem, por mais dolorosas que possam ser e mesmo que, em consequência delas, alguém saía de casa e vá viver – por uns dias e por exemplo – em um hotel, tempo depois, tudo se ajeita.

Já com José, foi diferente. Isto não quer dizer que as coisas não tenham se resolvido. Resolveram-se sim, só que do jeito dele. E a fórmula encontrada para deixar de lado o passado, foi esquecer também, a civilização e seus luxos.

¹ Trabalho submetido ao XXI Prêmio Expocom 2015, na Categoria Produção em Fotojornalismo.

² Aluno líder do grupo e estudante do 4º ano do curso de Comunicação Social – Jornalismo, e-mail: caiobudell@gmail.com.

³ Estudante do 4º ano do curso de Comunicação Social – Jornalismo, e-mail: leticiaf.errari@hotmail.com

⁴ Orientadora do trabalho. Professora do curso de Comunicação Social – Jornalismo da Unicentro. E-mail: falves.cs@gmail.com



Desde o desentendimento com a família, o dono desta história vive perambulando por lugares abandonados. Há dois anos, por exemplo, escolheu um morro, localizado às margens da BR 277, próximo ao acesso principal de Irati, para aconchegar ele e sua única e melhor amiga – a solidão.

Em pleno século XXI, estas condições de vida soam como sub-humanas. Mas, para José, a palavra em questão seria “sobre-humana”. Isto porque, ele crê ser Deus. Talvez tenha sido essa a forma encontrada pelo personagem, para aguentar as dores que lhe foram impostas no decorrer de seu caminho. De uma forma ou de outra, o que é inegável e transborda em seu ser é a imensa fé que carrega consigo.

Todas estas razões transformam este homem em um ser humano ímpar. Por isto, tornou-se protagonista deste fotodocumentário. Sua história, mesmo que descrita, sobretudo, por momentos onde o devaneio imperava, soa como infeliz e realista. Principalmente, quando José diz que ainda está à espera de seus quatro filhos. Parece que apesar da comodidade que encontrou na solidão, ainda tem a esperança de voltar para o aconchego da vida vivida com companhias.

Objetivos

Registrar, através de fotografias combinadas com legendas, os hábitos e a vida de José dos Reis. Um homem que, decepcionado com a família, deixou para trás tudo aquilo que lhe soava como desnecessário e assumiu a solidão como principal companheira.

Portanto, o principal propósito do trabalho foi mostrar o que José esconde por baixo da lona e dos pedaços de madeira e também o que há por trás da carcaça de um ser humano que fora abandonado e optou por viver completamente sozinho, às margens de uma rodovia.

Justificativas/Olhar teórico

Tornara-se rotina, para alguns, atravessar a BR 277 e observar, de longe e rapidamente, José e seu lar. Mas, para os autores do trabalho, a história deste homem merecia atenção especial.

Por isto, ao receber a proposta da produção de um foto documentário para a matéria de Fotojornalismo, dedicou-se tempo e empenho, em prol de conhecer melhor o relato de vida de dos Reis.



E então, ao buscar compreender a razão pela qual José abandonara a civilização e se tornara solitário e dono de uma essência incomparável, notou-se que sua história precisava ser compartilhada – e, neste caso, a fotografia viria a se tornar a melhor aliada.

[...] existe sempre uma motivação interior ou exterior, pessoal ou profissional, para a criação de uma fotografia e aí reside a primeira opção do fotógrafo, quando este seleciona o assunto em função de uma determinada finalidade/intencionalidade. Esta motivação funcionará decisivamente na concepção e construção da imagem final. (KOSSOY, 1999, p.27).

Seguiu-se, então, à risca aquilo que é proposto como fotografia na visão barthiana (1984), capaz de tangenciar o real, perpetuar a vida ou apontar a morte. Ou seja, buscou-se manter eterna a vida cheia de peculiaridades de José dos Reis

Além disto, os estudos basearam-se também, em Dubois (1994) onde a fotografia é considerada como a imitação mais perfeita da realidade. Desta forma, a missão era alinhar os conhecimentos adquiridos até então em sala de aula, pela matéria de Fotojornalismo; com a vontade de registrar, da forma mais autêntica possível, a realidade de José. Para que posteriormente, na conclusão do trabalho, as fotografias expressassem e fossem fieis à vida que dos Reis vive.

[...] Na realidade, a fotografia é, ao mesmo tempo e sempre, ciência e arte, registro e enunciado, índice e ícone, referência e composição, aqui e lá, atual e virtual, documento e expressão, função e sensação (ROUILLÉ, 2009, p.197).

Métodos e técnicas utilizadas

José dos Reis fora acompanhado por uma única tarde. Sua rotina é baseada na solidão, então, fica nitidamente claro que receber visitas não é o que mais lhe agrada. Sobretudo, quando os visitantes estão munidos com câmeras fotográficas e gravador de voz. Mas, apesar dos poucos instantes ao lado dele, 203 fotos foram capturadas.

Então, primeiramente, fotografou-se aquele lar extremamente simples, onde tudo era visto com olhos de novidade – a falta de eletricidade, de um mero relógio e de uma boa cama, por exemplo. Já em um segundo momento, buscou-se registrar, durante uma



conversa e outra e entre os momentos de devaneio e sobriedade do personagem – sua feição ao falar dos filhos, de sua fé e também da vida sozinha que levava ali.

Descrição do produto

Com as fotografias feitas e posteriormente decupadas, o propósito era o de criar um produto que englobasse as fotos acompanhadas à algumas legendas, para que assim, nenhum detalhe importante sobre a vida de José dos Reis ficasse de fora.

Criou-se, então, uma diagramação para o fotodocumentário através do *software* InDesign que foi apresentado em sala através de um arquivo PDF. Depois de encontrarmos este espaço, nos propusemos a selecionar – de acordo com o nosso gosto – algumas das 203 fotos feitas com uma câmera semiprofissional do modelo Panasonic Lumix DMC-FZ8. Ao fim do processo, separamos 12 fotografias que nos eram vistas como a expressão real da vida de José. A construção do texto foi feita apenas após a seleção das fotos, para “casar” ambas as informações.

E para que pudéssemos chamar a atenção do público (e também porque é uma de nossas favoritas), escolhemos para abrir o fotodocumentário, uma fotografia apenas do rosto de José. Com o fundo desfocado, toda a atenção se propusera sobre as marcas, talvez da idade ou do sofrimento que passou ao longo dos anos, de sua face. A imagem é forte e cheia de emoção.

Depois de termos a foto de capa escolhida, pensamos no decorrer do trabalho. Então, ao virar as seguintes páginas, o leitor encontrará fotografias da casa de José. O colchão já muito usado, as roupas, as cascas de laranja que serviriam como almoço, o facão que guarda no bolso e a foice que deixa em frente à sua casa, como forma de proteção, estão presentes. Todos os detalhes que nos chamaram a atenção foram colocados no trabalho.

Mas, como nosso personagem é José dos Reis, fotografias dele não poderiam faltar. Por este motivo, selecionamos as melhores imagens feitas com ele no único dia de trabalho para a captação do material. Entre elas, estão os momentos onde José nos deixava de lado para rezar com seu crucifixo no pescoço e reafirmar que era Deus; os instantes onde ele falava dos filhos e a tristeza tomava os ares do local; os minutos que tirava para falar do quanto gostava de viver perto da natureza... Enfim, todos os ápices de José foram registrados e constam no foto documentário.



Para finalizar, escolhemos uma fotografia onde José dos Reis, após o fim de um dia tumultuado, cheio de conversa e fotos, retorna sozinho, ao seu aconchego, seu refúgio, seu lar.

Com o trabalho já pronto, nos restava apenas, escolher um nome que fosse digno e expressasse, resumidamente, do que se tratava aquele material. Olhamos novamente as fotografias e conversamos, por alguns instantes, sobre a vida daquele ser humano. Eis que, pouco tempo depois, nos surgira uma ideia. Em uma vida marcada por tanto sofrimento e solidão, José nos fora visto, então, como um verdadeiro “Coleciona-dor”.

Considerações Finais

Com uma rotina completa de afazeres e marcada, sobretudo, pela pressão dos horários, ignora-se, muitas vezes, seres humanos com histórias lindas, feito a de José dos Reis. Para os viajantes que atravessam a BR 277, por exemplo, aquela “cabaninha” já se tornara parte da paisagem cotidiana. Talvez, nem curiosidade ela proporcione mais.

Portanto, este trabalho acadêmico veio como uma chance, não de apenas cumprir tabela, como também de sermos uns dos poucos a ter contato com o ser humano ímpar que é José.

Saímos de lá com a sensação de “dever cumprido” e, mais do que isso: deixamos aquele homem para trás, reavaliando aquilo que realmente era/é importante para nós. Ou seja, saímos de lá como seres humanos melhores. Não feito seu José, é claro. Mas, melhores de alguma forma.

A vida de reclusão que seu José escolheu, longe da família e sem amigos por perto, fizeram com que puséssemos na balança aquilo que julgamos como sofrimento em nossas vidas. E, isto só nos fez ver o quanto reclamamos por tão pouco. Porque saber e viver reais aflições, apenas o nosso – querido – “Coleciona-dor”.

Referências Bibliográficas

- KOSSOY, Boris. **Realidades e Ficções na Trama Fotográfica**. Editora, Ateliê Editorial, 1999.
- BARTHES, Roland. *A Câmara Clara*. Nova Fronteira, 1984.
- DUBOIS, Philippe. **O Ato Fotográfico e Outros Ensaios**. Campinas: Papirus, 1994.
- ROUILLÉ, André. **A fotografia: entre documento e arte contemporânea**. São Paulo: